

O Retorno do Rentista

Economia Brasil
Há, na língua francesa, um termo que os dicionários não registram mas todo brasileiro conhece: o "rentista". O *rentier* francês é o que vive de rendas. Visto pelo lado da poupança o *rentier* é uma bênção dos céus, porque acumula dinheiros que podem ser investidos a longo prazo. Visto pela ótica dos capitais flutuantes nas economias modernas o *rentier* pode ser um desastre.

É a aposta do pior tipo de *rentier* que está sacudindo as bolsas no mundo, e em particular no Brasil. Os números permitem separar o joio do trigo: segundo dados do Banco Central, em 1996 os investimentos estrangeiros diretos na economia brasileira (líquidos), somaram 9,9 bilhões de dólares. Em 1997 quase dobraram, pulando para 17 bilhões. Entre janeiro e julho deste ano entraram 11 bilhões de dólares.

Esse dinheiro de longo prazo não viria se os investidores estrangeiros acreditassem que a economia do país ia derreter, empresas de telefonia, ferrovias, portos ou hidrelétricas iriam desmoronar como um castelo de cartas. O *hot money*, contudo, aposta na importação da crise global que permite puxar as taxas de juros da noite para o dia, proporcionando lucros de toda sorte: através da especulação com operações na ponta vendida de títulos brasileiros no exterior, para recompra a preços mais baixos; operando juros futuros para apropriar a diferença em pontos unitários (PUs) no mercado de taxas entre os bancos; especulando no mercado de taxas pós-fixadas que proporcionam mais lucros na operação de crédito que na venda de mercadorias.

Não cabe a esta altura discutir se uma parte desse cenário viabilizou-se por causa do atraso nas reformas fiscal e previdenciária. Ou se o Brasil é permeável às ondas de choque da crise russa, e aos escândalos na Casa Branca que afetaram até o índice Dow Jones. Ou se ficou atrasado na

formação de poupança interna para contrabalançar a poupança externa. Cabe ressaltar, sim, o fato de que o *rentier* atravessador (que nada tem a ver com o especulador que apenas dá liquidez aos mercados) está de volta. No passado esse tipo de gente destruiu mercados organizados em bolsas, cuja recuperação foi penosa e lenta.

Esse tipo de intermediário destrói economias, desmoraliza o próprio sistema financeiro, cria a imagem de que os bancos e o mercado de capitais são eternas armadilhas para os incautos. Em magistral artigo no *Atlantic Monthly* o megaespeculador George Soros advertiu o capitalismo contra os desvios especulativos que poderiam corroer suas fundações. Quando redigiu o texto já clássico, Soros não foi levado muito a sério: parecia o fariseu fantasiado de monge. Estava certo.

O *rentier*, para os brasileiros de memória curta, é aquele tipo que ignorava o valor real dos bens e serviços durante o período áureo da correção monetária. Nessa época muitos investidores recebiam rendas confundindo indexação com juros reais. E a poupança das *velhinhas de Taubaté* era corroída sem que as ilusões do ganho fáceis permitissem ver o atoleiro monetário onde afundavam.

O Brasil e os brasileiros tiveram um longo período de estabilidade proporcionada pelo real para curar-se dessa doença. Claudicaram ao não cobrar mais duramente do Congresso e do governo as reformas estruturais indispensáveis para o fortalecimento da moeda. Têm, agora, um prazo muito curto para não ceder à tentação de nivelar-se por baixo com outras economias emergentes que estão girando os ponteiros do relógio para trás, mergulhando simplesmente no caos ou cedendo à tentação da volta ao dirigismo econômico.